

# GUIA DE COBERTURA JORNALÍSTICA DO AGRONEGÓCIO

## O PAPEL DO AGRO EM UM MUNDO COMPLEXO

INSPER – Centro de Agronegócio Global

### Autor principal

Fernando Lopes, editor de agronegócios do Valor Econômico

### Coautores

Leandro Gilio

Cláudia Cheron König

Camila Dias de Sá

Amanda Araújo Pinto

ed. 1, julho de 2022

Realização:

**Insper** **AGRO GLOBAL**  
Global Agribusiness Center

**Insper** | **Jor**

Apoio:

**ANJ** ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL  
DE JORNAIS

**ANER**  
ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE EDITORES DE REVISTAS

**ABERT**

**ACE**  
Associação dos  
Correspondentes  
Estrangeiros de São Paulo

## Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global (contato: [agroglobal@insper.edu.br](mailto:agroglobal@insper.edu.br))

### Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank

### Pesquisadores

Amanda Araújo Pinto

Camila Dias de Sá

Cinthia Cabral da Costa (Embrapa Instrumentação)

Cláudia Cheron König

Leandro Gilio

### Assistentes de pesquisa

Arthur Felicio, João Pedro Biagi, Henrique Dau

### Apoiadores Institucionais do Insper Agro Global



As instituições apoiadoras do Insper Agro Global não têm influência ou responsabilidade sobre conteúdo de estudos, cursos, webinários ou quaisquer outros materiais produzidos pelo Insper. Os textos apresentados e opiniões expressas nesse material e no curso são de responsabilidade exclusiva e livre de seus autores e organizadores.

## Índice

Introdução	3
O agro em um mundo complexo	4
O jornalismo no agro	5
Agro no Brasil	6
Grandes números	8
Tecnologia	11
Cooperativas	17
Crédito	19
Comércio	20
Meio ambiente	23
Megatendências	25
Transformação da cobertura do agro	26
Informação de qualidade	28
<b>Anexo</b>	

## INTRODUÇÃO

Inesperada para o mundo ocidental, a efetiva invasão da Ucrânia pela Rússia, no fim de fevereiro de 2022, da noite para o dia multiplicou os desafios para os jornalistas e para a imprensa em geral mundo afora. Se já é difícil apurar, entender, traduzir, filtrar e informar o que se passa nas ruas onde moram ou em seus próprios condomínios, os profissionais que vivem da notícia voltaram seus olhares para uma região tão turbulenta quanto nevrálgica na geopolítica global, de passado intrincado e presente dinâmico, que caminha com passos firmes – e nem sempre pacíficos – rumo à consolidação de um protagonismo cada vez maior nos rumos do planeta.

Eventos inesperados – e de grandes proporções e consequências – como a guerra no Leste Europeu sempre causam tremores na mídia. Obrigados a sair da zona de conforto, os veículos de comunicação muitas vezes derrapam antes de conseguirem estabilizar as linhas de suas coberturas, mas aqueles bem estruturados logo encontram um caminho adequado à relação estabelecida com seu público-alvo. A máquina engasga, mas volta a processar informações e a transformá-las em um produto final digerível e de maior valor agregado.

Às complicadíssimas questões históricas que envolvem a guerra na Ucrânia, somaram-se os movimentos que ajustam o eixo da economia mundial um pouco mais para o Oriente e suas consequências para todos os setores produtivos conhecidos. Emergiram os mercados de commodities e seus reflexos sobre os preços do pãozinho egípcio baladi, a calefação nos lares alemães, os custos de produção no campo brasileiro e a insegurança alimentar na África.

Sacudida, a imprensa global se lembrou da importância do Leste Europeu para o fornecimento mundial de commodities energéticas, com a Rússia sendo o maior exportador global de gás natural, o terceiro de carvão e o quarto de petróleo, em 2021, respondendo por grande parte da demanda de energia da Europa e da China.

Também entendeu que essas matérias-primas são muito mais importantes do que poderiam imaginar os tanques de combustíveis dos veículos ou as turbinas de geração de eletricidade. Os fertilizantes químicos derivados do nitrogênio dependem de combustíveis fósseis, e países como Rússia e Belarus, que sofreram sanções do Ocidente em razão da guerra, são grandes exportadores, da mesma forma que têm fatia expressiva nos adubos feitos do potássio. A Rússia responde por cerca de 20% da produção mundial de potássio, 10% dos fertilizantes nitrogenados e 7% dos fosfatados.

Em termos gerais, representa quase 13% do comércio global dos principais intermediários (amônia, rocha fosfática, enxofre) e quase 16% dos acabados. Em 2021, 23% das importações de fertilizantes feitas pelo Brasil tiveram sua origem no país.

Igualmente relevante é a participação dos grãos escoados a partir do Mar Negro para o processamento mundial de alimentos. Juntas, Rússia e Ucrânia respondem por 28% das exportações globais de trigo e 18% dos embarques de milho. São fundamentais no abastecimento de nações mais pobres no Leste Europeu, no Oriente Médio e na África, e, em condições normais –e com a ajuda dos fertilizantes da região –, colaboram para o equilíbrio entre oferta e demanda que tem mantido os preços globais dos alimentos em patamares controlados nas últimas décadas.

## O AGRO EM UM MUNDO COMPLEXO

Sem nenhuma pretensão de explicar os motivos da guerra ou apontar os rumos da humanidade em meio a uma tensão que promete frequentar agências, sites e jornais ainda durante muito tempo – anos, segundo quem navega com muito mais propriedade nessas águas –, este guia usa a guerra apenas como exemplo de que, para os jornalistas, cobrir o agro não é uma tarefa trivial.

Quando o que acontece em um país como Belarus, que muitos ainda chamam de Bielorrússia, afeta os custos de produção de grãos em Sorriso, município mato-grossense que a maioria não sabe que é o maior do Brasil em Valor Bruto da Produção (VBP) agrícola, é preciso parar para pensar. Afinal, o que está em jogo é “apenas” o que mais importa para as 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta Terra: alimentos.

Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura do país e uma das maiores referências mundiais no setor, costuma observar que o “agro é paz” - [inclusive organizou um livro com esse nome](#). Em países nos quais a população é bem alimentada, o risco de conflitos é menor do que em nações em que a fome prevalece. Comida no prato, a preços acessíveis, muitas vezes explica a permanência de um grupo político no poder, da mesma forma que a troca de proteínas mais caras por mais baratas nos pratos costuma determinar mudanças nas cadeiras onde sentam chefes de Estado ou de governos.

Isso não significa dizer, evidentemente, que mesmo em grandes países produtores de alimentos não existam pessoas que atravessem a vida em estado de insegurança alimentar. Mais de 800 milhões de pessoas enfrentam essa situação no mundo, segundo a Agência das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e um outro guia pode

explorar melhor do que este as políticas públicas que poderiam ser adotadas para mitigar essa mazela, ou o que poderia ser feito para reduzir o desperdício em regiões de fartura e melhorar a distribuição de comida.

Aqui, o objetivo é apenas chamar a atenção para a importância do trabalho jornalístico que cerca essas e outras questões. É jogar luz sobre as interligações que explicam os altos e baixos do agro sobre o dia a dia das pessoas e das comunidades onde vivem. Mais do que explicar, é objetivo deste trabalho mostrar a relevância de se trabalhar com afinco para colaborar no entendimento de como a produção agropecuária e agroindustrial em geral interfere no entorno.

Em última instância, essa compreensão pode ajudar melhor as pessoas a entenderem o mundo como ele se tornou e seus próximos capítulos. Ou, no mínimo, pode ajudá-las com mais informações a tomar decisões comezinhas em seu dia a dia, como comprar galinha ou ovo, encher o tanque com gasolina ou etanol.

## O JORNALISMO AGRO

Os desafios da cobertura do agro começam com o fato de que não há apenas um agro, o que nem sempre é claro para o público em geral. São centenas de cadeias produtivas diferentes, e cada cadeia guarda diferenças importantes a depender do país ou da região onde se desenvolve. Dentro de cada cadeia, há uma imensa heterogeneidade entre os produtores que a constituem. Por mais que o resultado seja uma *commodity*, produzir soja na Argentina não é a mesma coisa que cultivar o grão na França, da mesma forma que a semeadura no Rio Grande do Sul guarda características distintas das observadas no Piauí.

O raciocínio vale para qualquer outro produto agrícola, seja ele considerado uma *commodity* ou não, e o agro não é formado apenas por agricultura. Extrativismo e pecuária são agro, e também aqui os modelos de produção variam de região para região. Há polos em que as condições naturais são mais favoráveis a uma determinada atividade do que em outros, há polos em que o peso econômico e social do setor é maior que em outros. Há micro, pequenos, médios e grandes produtores rurais, cada categoria com suas demandas e particularidades – segundo o último Censo Agropecuário do IBGE (2017), há no Brasil mais de 5 milhões de estabelecimentos agropecuários, com grande diversidade. O próprio conceito de **pequenos, médios e grandes estabelecimentos** agropecuários varia conforme a região e perfil de produção, transcendendo a simples avaliação de número de hectares.

Há produtores rurais familiares e grandes empresas de produção – que se misturam. Há indústrias e serviços. Há os agentes que atuam “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “depois da porteira”, e todas essas peculiaridades – e as políticas públicas e estratégias privadas embutidas para viabilizar o agro nas mais diferentes fronteiras – tornam a missão de explicar o agro complexa. Não se pode analisar os subsídios concedidos aos agricultores da “França Profunda” sem levar em consideração os problemas que o fim desse apoio causariam em Paris.

Em época de eleições em qualquer lugar do mundo, é comum, nas redações dos grandes veículos de comunicação, a discussão sobre “com quem está o agro”. É um dos momentos em que o setor é tratado como uma coisa só, normalmente com resultados frustrantes. As posições políticas defendidas pelos grandes produtores de grãos de Mato Grosso são historicamente diferentes das pregadas pelos usineiros do interior de São Paulo. Criadores de frango nem sempre comungam das mesmas posições de quem cultiva tilápia. O arrozeiro gaúcho é diferente do radicado em Roraima. Definitivamente o coletor da Amazônia não precisa das mesmas soluções oferecidas aos grandes frigoríficos de carne bovina.

Há outros milhares de exemplos que poderiam ser usados para ilustrar esse riquíssimo mosaico. Portanto, os jornalistas que cobrem o setor têm a obrigação, em primeiro lugar, de entender que seu trabalho depende de uma visão ampla e, de preferência, global. No Brasil, as grandes cadeias produtivas da agricultura e da pecuária são exportadoras importantes, o que faz com que debates em curso da Comissão Europeia tenham consequências no meio oeste americano, ou que decisões tomadas em Pequim mudem vidas no interior do Paraguai.

## AGRO NO BRASIL

Seria recomendável para os jornalistas do agro começarem a compreender melhor o setor pela lógica histórica das condições naturais envolvidas e da ocupação dos territórios. Normalmente, são essas condições que determinam a formação de um determinado polo agropecuário, desde aquele voltado à subsistência de uma comunidade até aqueles que se inserem no grande agronegócio global. Normalmente, mas nem sempre.

É aqui que entra uma das mais fascinantes facetas do agro: **a tecnologia**. E são poucos os países do mundo que ilustram melhor como a tecnologia pode mudar os cenários

regionais como o Brasil. Depois de culturas tropicais, como cana-de-açúcar, cacau, borracha e o café, que ajudaram o país a sobreviver e a crescer nos tempos de Colônia, Império e nas primeiras décadas de República, a bonança advinda dos grãos, hoje fundamentais para o Produto Interno Bruto (PIB), para as exportações e para a arrecadação de impostos, começou a ser construída com tecnologia. Importante destacar que até meados dos anos 1980 o Brasil era um país importador líquido de alimentos. Hoje, o país é o terceiro maior exportador global, e o maior exportador líquido.

Essa revolução foi pautada em fatores como disponibilidade de recursos naturais, fluxos migratórios e o grande desenvolvimento de tecnologia em importantes centros de pesquisa do agro, como as universidades (Esalq, UFV, UFRRJ, entre outras) e centros de pesquisa. Foi na década de 1970, em tempos de regime militar, que a Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, se tornou referência mundial ao permitir, com o desenvolvimento de novas sementes e pacotes tecnológicos para “tropicalização” da produção de cultivos, o avanço de grãos como soja e milho, atualmente “carros-chefe” do campo brasileiro em Valor Bruto da Produção (VBP).

Em pleno Cerrado, até então com solo e condições naturais difíceis de serem domados pelas grandes cadeias agrícolas, o avanço da produção de grãos deu início a mudanças estruturais fundamentais cujas consequências hoje são palpáveis, inclusive com uma melhor distribuição da força econômica do país.

Aquele era um tempo em que agricultores da região Sul, já sem muito espaço para ampliar suas áreas de produção e acomodar suas novas gerações foram estimulados pelo governo a partir rumo ao Norte para expandir por lá suas atividades. Entre as peças de propaganda usadas para estimular o movimento estavam cartazes com lindas plantações de café florescendo no “nortão” de Mato Grosso. Do norte do Paraná, por exemplo, saíram caravanas com cafeicultores impressionados com tamanho potencial, tão grande quanto a frustração de constatar que produzir café no bioma Amazônia é uma tarefa tão difícil quanto cultivar seringueiras no deserto.

Mas a tecnologia mostrou que, embora o café de fato fosse um desafio e tanto, ali e um pouco mais para baixo, num Cerrado até então pouco povoado e com poucos setores econômicos pujantes – a mineração era um deles – era possível, sim, criar condições para uma produção de soja altamente rentável e com excelentes perspectivas de lucro. Usada na alimentação humana, mas, sobretudo, para a produção de rações para aves, suínos e gado, a soja **não** ainda tinha a atual relevância no mercado global, mais acostumado com

**outros** grãos produzidos em larga escala nos EUA, na Europa e na China, entre muitos outros países.

Este foi o caso da soja, mais emblemático, mas o país se desenvolveu fortemente na produção de diversos cultivares, crescendo fortemente em produtividade no agro -recorde global nas últimas décadas -, tornando-se um grande fornecedor global de alimentos a baixo custo. Também são destaque os sistemas de plantio direto e as tecnologias de adaptação de culturas que tornaram possível a realização de múltiplas safras e mais recentemente o desenvolvimento de sistemas de integração lavoura, pecuária e floresta (ILPF).

## GRANDES NÚMEROS

Com toda a evolução observada nas últimas décadas, o Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária brasileira tem batido sucessivos recordes. Em 2022, segundo estimativa do Ministério da Agricultura, o VBP, que mede o faturamento das cadeias produtivas apenas “da porteira para dentro”, deverá alcançar R\$ 1,2 trilhão, 2,4% mais que em 2021 e com crescimento da ordem de 50% em uma década.

Lideradas por soja, milho e cana, as principais lavouras cultivadas no Brasil deverão alcançar um VBP de cerca R\$ 880 bilhões, com aumento pouco inferior a 10% na comparação. Para as cinco principais cadeias da pecuária, liderada pelos bovinos, a projeção é de VBP de R\$ 350 bilhões, com queda da ordem de 10%. Mais caras ao consumidor, as proteínas animais normalmente sofrem mais em tempos de incertezas na economia e de queda do poder de compra da população. Foi assim em 2021, continua sendo assim em 2022.

Com as commodities agrícolas valorizadas, em parte por causa da guerra, o agronegócio brasileiro continua a garantir o superávit comercial da balança comercial do Brasil, que se consolidou nos últimos anos como o maior exportador “líquido” de alimentos do planeta. No primeiro trimestre de 2022, os embarques do setor, liderados por soja e derivados, carnes (bovina, de frango e suína), produtos florestais e açúcar e etanol, renderam US\$ 33,8 bilhões no primeiro trimestre de 2022, com aumento de 46% ante igual intervalo do ano passado.

Com o mercado interno fraco, mas com as exportações aquecidas, o Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária deverá crescer 1% em 2022, conforme projeção do Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Em dezembro, a projeção era de crescimento de 2,8%, mas uma quebra de safra na região Sul e a piora do cenário para as carnes motivou o ajuste para baixo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o resultado do primeiro trimestre do ano, avaliando queda de 8% da agropecuária com relação ao mesmo período do ano anterior, corroborando tal expectativa e o efeito das quebras de safra. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP) e a Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA) indicam uma queda de 0,8% no PIB-renda do Agronegócio na mesma comparação, destacando-se, nesse número, o efeito da forte elevação de custos do setor que prejudicou as margens dentro da cadeia – ou seja, apesar da alta de preços neste ano, também há forte alta em insumos e produtos de consumo intermediário.

A produção agroindustrial continua patinando em níveis mais baixos do que antes da pandemia, como aponta o Índice de Produção Agroindustrial Brasileira (PIMAgro) calculado pelo Centro de Estudos em Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas (FGVAgro). Dessa forma, o avanço do PIB do agronegócio, se existir nesse ano, será garantido pela forte alta de preços globais das commodities.

Sempre que as commodities ganham esse peso, voltam à tona as discussões sobre essa dependência do setor de suas commodities. É claro que um peso maior dos produtos processados e industrializados nas contas do setor seria louvável, mas isso não significa dizer, por exemplo, que não há tecnologia ou valor agregado nas commodities. Como volta e meia lembram especialistas, contudo, uma semente, por exemplo, é como um microchip e pode ser comparada a um microchip em termos de tecnologia embarcada. Os debates sobre os prós e contras do avanço das commodities, e se isso se configura ou não em “doença holandesa”, seguem vivos.

## ENTENDENDO OS NÚMEROS

**Agronegócio** é o sistema integrado de produção de alimentos, bebidas, fibras, bioenergia e demais bens oriundos de produtos **agropecuários**. Trata-se de um complexo de cadeias agroindustriais, definidas como uma sequência que percorre insumos, a produção agropecuária, a indústria de processamento e os serviços (distribuição).

É importante não confundir **agronegócio** com **agropecuária** ao se avaliar números. Agronegócio compreende o setor como um todo e a agropecuária é um segmento dentro do agronegócio, com os demais segmentos à montante e à jusante.

**Valor bruto da produção agropecuária:** é uma estimativa realizada com o total da produção e médias de preço. É um indicador simples de desempenho da agropecuária, que representa um faturamento bruto desse segmento do agronegócio. Em geral, esse dado é divulgado pelo [Ministério da Agricultura e Pecuária](#).

**PIB da Agropecuária:** diferente do valor bruto da produção, o PIB considera apenas os bens finais. Ou seja, se deduz o que é consumido em etapas intermediárias - é uma medida de valor adicionado. Além disso, é um indicador de produto, portanto em seu cálculo é mantido um vetor preços fixos para que se obtenha uma medida de “volume”. No Brasil, o valor do PIB da agropecuária é calculado pelo [Sistema de Contas Nacionais do IBGE](#).

**PIB do Agronegócio:** o PIB do agronegócio é um indicador que tem o objetivo de acompanhar a evolução do PIB do setor como um todo, não apenas da agropecuária como é fornecido pelo IBGE. Tal medida é relevante pois os segmentos das cadeias agropecuárias são cada vez mais interdependentes. No Brasil, o PIB do Agronegócio é calculado pelo [CEPEA/ESALQ-USP](#), em parceria com a CNA. Uma questão relevante com relação ao PIB do Agronegócio é que, diferente do IBGE, há a divulgação de dois tipos de indicadores: o PIB-renda do agronegócio, que contempla também as variações de preço e fornece uma medida de renda do setor, e o PIB-volume do agronegócio, que mantém o vetor de preços fixos e produz uma medida de “volume”, mais comparável com a metodologia tradicional do IBGE.

## TECNOLOGIA

### MELHORAMENTO DE PLANTAS

A ampla área disponível para a produção agrícola, com clima favorável, fez do Cerrado um dos principais “laboratórios” do mundo em termos de melhoramento genético de plantas insumos agrícolas. Mais uma vez, recorremos ao professor Roberto Rodrigues: Pero Vaz de Caminha se enganou redondamente quando escreveu que nas “terras brasileiras tudo dá”.

Os trabalhos para a adaptação de sementes de grãos no Cerrado colocaram a pesquisa no Brasil sob os holofotes globais, mas não é só nessa frente que há trabalhos bem-sucedidos. Do tomate ao fumo, passando por cana, café e laranja, novas tecnologias ajudam a ampliar a produtividade das lavouras do país ano após ano.

Na área de sementes e defensivos agrícolas (comumente, de modo pejorativo, chamados de agrotóxicos), não podemos esquecer que muitas das principais multinacionais que investem em seu desenvolvimento foram desmembradas de grandes grupos farmacêuticos. Especificamente no segmento de sementes, ao melhoramento convencional que continua em curso na grande maioria das cadeias produtivas, somou-se, no fim da década de 1980, aos organismos geneticamente modificados (OGMs), uma revolução nas lavouras de soja e milho, principalmente. Mais recentemente novas variedades resultantes de edição gênica, mas sem transgênica, também começam a chegar ao mercado.

A transgenia, por sua vez, continua no foco de debates acalorados que colocam, de um lado, produtores e agroindústrias, e de outro, ambientalistas e órgãos ligados ao direito do consumidor. Para o primeiro grupo, prevalecem as vantagens de manejo e rendimento oferecidas pelas sementes transgênicas; para o segundo, os riscos derivados de resistências desenvolvidas por pragas e ligados à própria exploração excessiva da terra ao uso intensivo de insumos são alguns pontos de preocupação.

Regras de rotulagem para produtos de consumo humano que contenham transgênicos em sua composição já existem e são aplicadas em diversos mercados – no Brasil inclusive – mas continuam em discussão, enquanto no caso do cultivo de grãos OGM, usados na produção de ração para animais, cuja carne mantém suas características independentemente do tipo do grão, os temores iniciais parecem apaziguados.

Com um leque de milhares de sementes disponível para as mais diferentes culturas, o Brasil se consolidou como um dos maiores mercados mundiais do insumo, com

faturamento que já se aproxima de US\$ 10 bilhões por ano. Muitos dos lançamentos são desenvolvidos por multinacionais no exterior, e muitos outros são desenvolvidos no Brasil, por empresas como a Embrapa, além de outras companhias públicas e diversas sementeiras privadas. E, dado o elevado custo dos trabalhos de pesquisas e desenvolvimento, parcerias entre todos esses agentes têm sido, cada vez mais, o caminho para acelerar a chegada de produtos melhores nas mãos do produtor.

## **DEFENSIVOS: A PROTEÇÃO DE CULTIVOS**

Se na área de sementes são os transgênicos que ainda alimentam discussões (já mais apaziguadas), ainda que os principais estudos científicos sobre o tema no mundo tenham comprovado a segurança dos organismos geneticamente modificados, no segmento de defensivos proteção de cultivos são os defensivos químicos (agrotóxicos) os alvos das principais polêmicas.

A agricultura tropical é pródiga em pragas e doenças, muito mais que a agricultura desenvolvida em clima temperado, e com isso o mercado brasileiro é o maior do mundo para esses produtos, com vendas que giram em torno de US\$ 12 bilhões por ano.

É longa a cadeia produtiva dos defensivos químicos (agrotóxicos). O Brasil é grande importador mundial dos princípios ativos necessários para a sua produção dos defensivos químicos, boa parte de países como China e Índia. Há um parque de formulação expressivo no país, e aqui também investimentos em pesquisas e desenvolvimento ajudam a adaptar os produtos de proteção de cultivos para cada cultura e para regiões específicas. Normas definem os teores máximos de agroquímicos, ingrediente ativo que podem ser encontrados nos vegetais tratados, e regularmente inspeções lideradas pelo Ministério da Agricultura checam, no varejo, se os limites estão sendo respeitados. Sempre há problemas relatados, mas são relativamente poucos são encontrados.

É preciso lembrar que os defensivos ajudam a garantir, desde a década de 1960, com a chamada “Revolução Verde”, produtividades agrícolas suficientemente elevadas para garantir uma ampla oferta de alimentos a preços acessíveis sobretudo às camadas mais pobres da população global – e brasileira. Com os ganhos de rendimento registrados com o uso dos insumos químicos, o desenho resultante da curva de evolução dos preços globais dos alimentos foi a letra “u” até recentemente.

A escalada começou com a entrada na China como grande importadora, no início dos anos 2000, e os alimentos já estavam com preços historicamente elevados antes do início das

tensões entre Rússia e Ucrânia, que com seus reflexos sobre fertilizantes, trigo e milho colaboraram para novos recordes inflacionários em diversos países. Análises imparciais sobre o papel dos agroquímicos são um dos principais desafios do jornalista do agro, paralelamente a um bom acompanhamento das novidades biológicas que se multiplicam nessa área.

Nesse contexto, é preciso destacar que novos modos alternativos de produção vêm ganhando fôlego nas últimas décadas. Há forte demanda por grãos convencionais, não transgênicos, bem como por produtos orgânicos em geral – que ainda são vendidos por preços bem mais elevados ao consumidor final, devido a menor produtividade, mas cujas diferenças em relação aos “concorrentes” tratados com insumos químicos **vêm** diminuindo nos últimos anos.

Muitas vezes, as discussões sobre o melhor modelo de agricultura privilegiam os orgânicos, mas há diferenças significativas de produtividade e oferta que sinalizam vida longa aos agroquímicos nas lavouras. Há uma grande (e crescente) demanda por alimentos e modos de produção menos eficientes estão longe de suprir essa demanda, de tal forma que a segurança alimentar global é dependente diretamente de elevações significativas em produtividade agropecuária. Possíveis novos polos de produção na África, por exemplo, também suscetíveis a pragas e doenças, mostram que esses produtos continuam a ser indispensáveis.

## FERTILIZANTES

Outra cadeia produtiva que, para o Brasil, começa no exterior, é a de fertilizantes. Por questões naturais, estruturais e políticas, o país é um dos maiores importadores de adubos do mundo, e esse “calcanhar-de-Aquiles” ficou evidente depois da invasão da Ucrânia pela Rússia e das sanções econômicas impostas por países ocidentais a Moscou.

Principalmente devido à qualidade limitada de suas jazidas, o Brasil depende, na área de fertilizantes químicos, que representam mais de 90% dos produtos usados no solo, sobretudo de nutrientes derivados de potássio e fosfato vindos de fora. O trio das principais matérias-primas usadas para a produção de adubos químicos se completa com o nitrogênio, e neste caso o Brasil até poderia ter uma oferta doméstica maior, mas decisões políticas ligadas à destinação do gás natural impediram o aumento da produção interna nas últimas décadas.

Normalmente os nutrientes são importados das grandes multinacionais produtoras – que, nessa frente, na verdade são mineradoras – e chegam ao Brasil para serem processados pelas misturadoras e transformados nos produtos finais aplicados na terra pelos produtores rurais. Aqui também os investimentos necessários para a extração de potássio e fosfato são bilionários, daí porque os aportes são definidos de acordo com o teor de nutrientes nas rochas, e a carga tecnológica embutida é grande.

Há adubos específicos para o sem-número de culturas e regiões de cultivo. Como já foi dito, uma das importantes áreas de produção com solos mais pobres do país é o Cerrado, e as produtividades obtidas pela soja no bioma, que estão entre as mais elevadas do mundo, comprovam como os fertilizantes são fundamentais para garantir a força do agro no país. Já no Sul a terra é naturalmente mais rica e depende de menos suplementação para a nutrição das plantas.

Mas, da mesma maneira que no segmento de defensivos agrícolas há as soluções biológicas, no de fertilizantes também há os produtos orgânicos ou organominerais, voltados a garantir bons rendimentos também para quem pratica agricultura orgânica e/ou regenerativa, em alta com o aumento da preocupação sobre a recuperação de áreas de produção agropecuária. Com a guerra na Ucrânia, o esterco foi um dos ingredientes naturais a ver sua procura multiplicada.

## **O SISTEMA DE PLANTIO DIRETO**

No início histórico da agricultura no Brasil, importamos tecnologia estrangeira. Um paradigma tecnológico importado foi a necessidade de arar a terra para o preparo do solo antes do plantio. Esse sistema foi utilizado por anos, até o desenvolvimento brasileiro e para Brasil do [Sistema Plantio Direto \(SPD\)](#), que se caracteriza pela ausência ou mínimo revolvimento do solo, cobertura do solo com palhada e rotatividade de culturas. Dessa forma, se evitam perdas causadas pela erosão que, além do solo, carrega para os cursos d'água adubos e outros produtos químicos, constituindo-se em fonte de poluição e de degradação. Tal adoção da prática propiciou ao agro brasileiro aumentos da produtividade das principais culturas produtoras de grãos, preservação e melhoria da capacidade produtiva do solo e menores índices de emissões e perda de CO<sub>2</sub> na atmosfera. Atualmente, o sistema é adotado pela grande maioria dos produtores brasileiros, com grande sucesso.

## TECNOLOGIA ANIMAL

Se a agricultura não evoluiria sem tecnologia, o mesmo se pode falar da pecuária. Também no segmento, os investimentos bilionários realizados todos os anos em genética, nutrição e saúde animal são liderados por grandes multinacionais, algumas também desmembradas de grupos farmacêuticos, mas grupos nacionais colaboram para o desenvolvimento de soluções plenamente adaptadas às condições brasileiras. Cabe lembrar que os grandes frigoríficos nacionais estão hoje entre as maiores empresas de alimentos do mundo

E os desafios que cercam cadeias produtivas como as de aves (incluindo a produção de ovos), suínos e bovinos (pecuária de corte e de leite) aumentaram muito nos últimos anos. À necessidade de ampliar constantemente a produtividade e cumprir requisitos cada vez mais exigentes de padrões sanitários e de bem-estar animal somaram-se a pressão ambiental ligada à emissão de gases dos animais de produção, e atualmente saem do forno recorrentemente novidades capazes de melhorar a digestão e a reduzir as emissões. A pecuária, como se sabe, é grande emissora de gás metano, e este entrou na mira da comunidade internacional na COP26, em Glasgow (Escócia).

Em todos esses ramos, o Brasil é um dos maiores *players* do mundo, tendo em vista que o país lidera as exportações globais de carnes de frango e bovina e é grande exportador de carne suína. Se agregarmos produção de ovos e, principalmente, leite, temos uma cadeia que, apenas em valor bruto da produção, movimenta mais de R\$ 400 bilhões por ano. São cadeias que têm a obrigação não só de alimentar os animais e suplementar sua nutrição em busca de melhores resultados econômicos, mas também de vacinar preventivamente e medicá-los.

Com os avanços advindos do melhoramento genético dos rebanhos e plantéis, também as soluções de saúde e nutrição animal mantêm-se em constante evolução. Como na agricultura, temos que observar que essas demandas são globais, e que cada região específica tem necessidades próprias – daí porque bases locais de P&D são fundamentais. Afora as matrizes das grandes multinacionais que dominam os aportes em genética, saúde e nutrição animal, o Brasil é um dos países que têm a melhor estrutura nessa frente.

Entre as empresas e órgãos locais que investem em pesquisas ligadas à pecuária, a Embrapa também é um dos maiores destaques. Até porque, como em elos da cadeia agrícola, há pesquisas que só a estatal faz, ligadas à necessidade de apoiar pequenos produtos em polos de condições muitas vezes extremamente adversas.

## AGTECHS

Aos investidores tradicionais em tecnologias voltadas ao agro, uniram-se nos últimos anos as chamadas *agtechs*, que abriram toda uma frente nova de cobertura no setor. Com soluções e serviços que incluem desde ferramentas de agricultura de precisão até novidades para monitorar a alimentação de um rebanho, passando por facilidades para a obtenção de financiamento e aplicativos de clima e fretes, entre muitas outras inovações, centenas de pequenas empresas chegaram ao mercado, e a onda não para.

Paralelamente, hubs que apoiam as empresas inovadoras começaram a ser estabelecidos em diferentes polos do agro espalhados pelo país. *Agtechs*, *foodtechs* e *agfintechs* têm se consolidado país a fora, muitas delas com apoio de grandes grupos do setor e recursos de investidores, mesmo aqueles sem tradição de investir fora das capitais. O contínuo crescimento do setor, com safras e exportações recorde ano após ano, tem presenteado esses investidores com boas taxas de retorno, e um novo círculo virtuoso se fortalece no país.

Na safra 2020/21, um censo sobre esse novo e pujante segmento apontou que cerca de 1,6 mil startups estavam oferecendo soluções para o agro brasileiro. Empresas com melhores resultados começaram a adquirir concorrentes com menos sorte, e o movimento de consolidação tende a ganhar força. Há também diversos casos de sucesso de parcerias entre *agtechs*, com compartilhamento de dados e informações, e algumas companhias com soluções integradas para as diferentes “dores” de produtores, agroindústrias, tradings, seguradoras e bancos começam a tomar forma.

Essa tendência também pode ser considerada uma boa porta para a “democratização” das tecnologias disponíveis ao agro, lembrando que investimentos em inovação tradicionalmente são liderados por grandes grupos já estabelecidos e, com isso, acabam se tornando vetor de concentração no setor. Com serviços acessíveis, as *agtechs* oferecem, mesmo a produtores de pequeno porte e com menos recursos, uma oportunidade para o aprimoramento de suas atividades – e, com isso, para a própria sobrevivência do negócio. Nesse sentido, pacotes com diversas soluções para diversas necessidades são encarados como uma vantagem.

O “boom” de startups do agro começou em 2017, e para muitos durou até o ano passado, quando as jovens empresas recém-criadas começaram a alcançar seu nível de maturação. No geral, os índices de desempenho das pequenas acompanhadas pelo AgTech Garage, maior hub do país, com sede em Piracicaba (SP), eram positivos em 2021: 42% estavam

em fase de escala; 2% tinham produtos prontos para entrar no mercado; e 80% já comercializavam seus produtos e contavam com clientes.

## ALTERNATIVAS VEGETAIS/LABORATÓRIO

Com forte participação das *foodtechs*, mas também de grandes empresas de grãos, proteínas e alimentos em geral, um novo segmento nasceu, se desenvolveu nos últimos anos e tem grande potencial de crescimento: o mercado *plant-based*. Segundo projeções da indústria, as vendas dessas alternativas às carnes poderão movimentar pelo menos US\$ 30 bilhões por ano até 2030.

A partir de matérias-primas como soja, ervilha e feijão, entre outras, já chegaram às gôndolas das principais cidades do mundo produtos à base vegetal como hambúrgueres, almôndegas e até bacon. Em camadas sociais de mais alta renda, é crescente a preocupação com o consumo excessivo de proteínas animais, por questões de saúde e ambientais. A tendência gera polêmica quanto aos reais motivos dessa preocupação, mas o fato é que o portfólio *plant-based* é crescente, inclusive com investimentos de fundos e personalidades do mundo artístico.

Nessa mesma linha, ganha cada vez mais impulso o desenvolvimento de carnes de laboratório, de olho na também crescente preocupação global com o bem-estar animal. Já há produtos à venda, mas a preços ainda mundo elevados, restritos a uma parcela ínfima de consumidores.

Mas é importante realçar que o bem-estar animal entrou definitivamente no foco das grandes empresas de proteínas animais. Aumenta a cada ano a produção de ovos de galinhas criadas fora de gaiolas, de carne de frangos e suínos também livres e de bovinos engordados com melhores práticas. Também ganham fôlego modelos de produção de couro sustentável, com apoio de grandes grifes internacionais que sentem na pele a resistência de consumidores em comprar o produto natural.

## COOPERATIVAS

Em meio à pujança do agronegócio brasileiro, é preciso reconhecer o importante papel cumprido pelas cooperativas. Desde as pequenas, de agricultores familiares, até os grandes grupos do Paraná, do interior paulista ou as que testam novos modelos de

relacionamento no Centro-Oeste, as cooperativas são um exemplo de que é possível ganhar escala, reduzir custos e maximizar ganhos, seja em gestão, na obtenção de crédito, na implantação de novas tecnologias, na compra de insumos ou na venda das colheitas. Afora a influência desse modelo de negócios nas comunidades onde ele prevalece.

Segundo dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), no mundo o cooperativismo envolve 1 bilhão de pessoas em 100 países, e gera 100 280 milhões de empregos. Se as 300 maiores cooperativas do planeta fossem um país, destaca a entidade, seria a 9ª maior economia do mundo. No Brasil, são 4.868 cooperativas em atuação em diferentes setores da economia, com cerca de 17 milhões de cooperados – segundo o anuário do cooperativismo no Brasil (2021).

Os ativos totais do cooperativismo somavam R\$ 494,3 bilhões em 2020, com patrimônio líquido de R\$ 126,4 bilhões, capital social de R\$ 49,5 bilhões, ingressos de R\$ 308,8 bilhões e sobras (lucros) de R\$ 14,8 bilhões. Foram naquele ano R\$ 13 bilhões em pagamentos de impostos e mais de R\$ 18 bilhões em salários, conforme a OCB.

No agro, em 2020 eram 1.173 cooperativas, com pouco mais de 1 milhão de cooperados e quase 225 mil empregados. O cooperativismo está presente no setor no Brasil há mais de 170 anos, e atualmente é dividido em sete ramos principais: insumos e bens de fornecimento (38% do total), escolas técnicas de produção rural (2%), produtos industrializados de origem animal (8%), produtos industrializados de origem vegetal (10%), produtos não industrializados de origem animal (11%), produtos não industrializados de origem vegetal (26%) e serviços (4%).

Em 2020, as cooperativas agropecuárias espalhadas pelo país tinham mais de R\$ 160 bilhões em ativos no total, e os ingressos no exercício somaram R\$ 239 bilhões, com sobras (lucros) de R\$ 9,6 bilhões. Os grupos que atuam no agro pagaram R\$ 8,5 bilhões em impostos e pagaram R\$ 7,1 bilhões em salários e benefícios a seus funcionários.

Quem já esteve em um polo agropecuário com presença de uma cooperativa, no entanto, sabe que é muito mais que isso. E, além da importância que têm para a manutenção do produtor rural no campo, as cooperativas também foram – e são – fundamentais para a expansão e consolidação do agro em novas fronteiras.

## CRÉDITO

Outra frente que atravessa um período de revolução do país é o crédito rural. Depois de finalmente conseguir se firmar, a partir dos anos 2000, como uma fonte à altura das demandas do campo, o modelo de crédito oficial com juros controlados, subsidiados ou não, já não é mais suficiente para atender às necessidades do setor. O volume de crédito concedido nos Planos Safra continua a crescer – foram disponibilizados R\$ 251,2 bilhões em 2021/22 -, mas o montante, atualmente, já não cobre nem um terço do “*funding*” total do setor.

Diante dos recorrentes esgotamentos precoces de recursos em diversas linhas do Plano Safra, sobretudo as de investimentos, o crédito privado passou a ganhar mais espaço. E esse avanço foi facilitado pela chamada Lei do Agro (13.986/2020), aprovada pelo Congresso na gestão da ministra Tereza Cristina e considerada uma de suas principais marcas à frente da Pasta.

A nova lei incentivou novos agentes a entrarem no segmento, deu liquidez a títulos como os Certificados de Recebíveis Agropecuários (CRA) e abriu as portas para a sedimentação dos Fundos de Investimentos nas Cadeias Agroindustriais (Fiagro). Nesse movimento, linhas de crédito “verde”, com condições mais vantajosas para tomadores dispostos a garantir a sustentabilidade da produção também se fortaleceram, e esse mercado continua em frenética ebulição. A expectativa é que o crédito privado, em suas diferentes formas, passe a irrigar o campo com centenas de bilhões de reais – e, também aqui, com relevante participação das cooperativas.

Para que as projeções de que o crédito privado se firme como o principal motor do avanço do agro brasileiro se cumpram, contudo, ainda é preciso solidificar o seguro rural, que sofre com falta de recursos públicos, um número relativamente pequeno de seguradoras interessadas e diversas culturas e regiões sem cobertura. Com orçamento de R\$ 1 bilhão em 2022, o programa do governo federal de subvenção aos prêmios do seguro rural é pouco para o tamanho do setor. Atraiu apenas 15 seguradoras, que registraram a contratação de 218 mil apólices e protegeu menos de 15% da área produtiva brasileira – nos EUA, o percentual supera 90%.

Em 2021, o PSR foi acessado por 121,2 mil produtores, um aumento de 15% em relação ao ano anterior. Quase 28% desse público foi atendido pelo programa federal de subvenção pela primeira vez. A área de cobertura, que cresceu menos (2,5%), aumentou

principalmente nos três Estados do Sul do Brasil. O governo aplicou os R\$ 1,18 bilhão em subsídios para mais de 60 culturas e atividades.

Os sojicultores contrataram mais de 103,3 mil apólices em 2021, em 8,3 milhões de hectares e com valor segurado de R\$ 38,5 bilhões. Foram gastos R\$ 485 milhões em subvenção, 41% do total.

## COMÉRCIO

Principal motor da expansão do agronegócio, a exportação de produtos do agronegócio, em 2021, teve um crescimento de quase 30% em valor de embarques na comparação com o mesmo período do ano anterior, atingindo o recorde de US\$ 120,8 bilhões, em dólares correntes. Esse valor contribuiu para manutenção do saldo positivo da balança comercial brasileira (US\$ 61,2 bilhões em 2021), já que nos demais setores da economia o Brasil acumularam déficit de US\$ 43,8 bilhões, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ([MAPA](#)) e da Secretaria de Comércio Exterior ([Secex](#)).

Exportações do setor foram altamente incentivadas, nos últimos dois anos, pela desvalorização do real frente ao dólar, intensificada pelo influxo de capitais decorrente da elevação dos riscos desde o início da pandemia de COVID-19. Em paralelo, houve uma demanda externa firme, impulsionada pelos países asiáticos que tiveram instabilidades importantes nas cadeias de suprimentos, com destaque para a China.

O segmento exportador do agro teve uma evolução consistente nas últimas décadas. As exportações, que passaram de 21 bilhões de dólares, em 2000, para 120 bilhões de dólares, em 2021.

Além de ganhos de produtividade, a escala e o grau de complexidade de diversas cadeias produtivas do agro aumentaram muito. O Brasil passou da condição de exportador de produtos tipicamente tropicais, que compuseram a nossa história colonial – como café, açúcar e cacau – e importador de alimentos para grande exportador, com protagonismo global em boa parte das grandes cadeias produtivas que ocupam o centro das áreas de alimentação, bebidas, fibras e bioenergia no início do século XXI.

O “casamento” entre o aumento da produção brasileira e o aumento da demanda mundial posicionou o Brasil como um dos protagonistas do mercado global do agro. Se, por um lado, isso se deu graças a uma situação de ampliação da demanda por produtos

agropecuários globalmente, de outro o crescimento da produtividade do agro também tornou o produto brasileiro atraente em termos de custos e qualidade.

O comércio mundial de produtos do agronegócio é bastante concentrado em treze regiões e países: União Europeia, Estados Unidos, China, Brasil, Canadá, Japão, Coreia do Sul, México, Índia, Indonésia, Austrália, Argentina e Rússia. A China vem disputando com o Brasil a posição de terceiro maior exportador de produtos do agronegócio.

Porém, é interessante notar que entre os cinco maiores exportadores mundiais do agro (União Europeia, Estados Unidos, China, Brasil e Canadá), apenas o Brasil não integra a lista dos maiores importadores do planeta. Na realidade, o Brasil tem participação irrisória nas importações agrícolas mundiais.

Foi o grande superávit comercial brasileiro no agronegócio que permitiu que o Brasil equilibrasse as contas da sua balança de pagamentos, evitando crises maiores em momentos turbulentos. Mas, se pelos números da balança comercial essa situação parece confortável, por outro dificulta o estabelecimento de relações comerciais e parcerias mais sólidas – importantes em um momento em que o mundo sofre uma crise do multilateralismo.

Podemos citar o caso da China: por ser o terceiro maior importador e o quarto maior exportador mundial de produtos do agro, seu poder de negociação comercial com outros países no setor é muito maior do que se fosse apenas importador ou exportador relevante. Os Estados Unidos e a Europa possuem posições semelhantes. O Brasil deveria permitir o crescimento das suas importações para poder ampliar o seu poder de barganha nas negociações comerciais (o mercado brasileiro hoje é bastante fechado as importações).

Hoje a Ásia é um mercado-chave tanto para o mundo quanto para o Brasil. A tendência de crescimento da importação de produtos agropecuários na Ásia, puxada principalmente pela China, modificou radicalmente a geografia de destinos da nossa pauta exportadora no agronegócio.

A Ásia já é o maior destino das exportações do agronegócio brasileiro, chegando a representar quase 50% do total exportado. A China consolidou-se como o principal mercado destino de produtos do agro brasileiro. Tradicionais parceiros comerciais brasileiros, como União Europeia, Estados Unidos, Canadá e América Latina vêm perdendo espaço ano a ano para a Ásia, o Oriente Médio e a África como destino das exportações brasileiras. O crescimento da participação desses mercados emergentes vem sendo puxado pelo aumento populacional e das taxas de urbanização, pelo crescimento

econômico e pela mudança dos hábitos alimentares, a exemplo da substituição do consumo de proteínas vegetais por proteínas animais.

As exportações brasileiras atuais estão concentradas em quatro grandes complexos agroindustriais: soja, carnes e couros, sucroenergético e florestal, que responderam juntos por quase 80% do total das exportações brasileiras do agronegócio. É um desafio, portanto, além da diversificação de destinos uma maior diversificação de produtos a serem exportados.

Outro ponto de atenção são os números crescentes de desmatamento da Amazônia e do Cerrado na floresta amazônica, que tem criado uma percepção negativa do produto brasileiro. O impactando na imagem do país oferece riscos, atrapalhando o comércio internacional. A questões ambiental e climática têm se destacado como um entrave cada vez mais complexo em negociações internacionais, dado o seu caráter multidimensional e transfronteiriço, o que permite uma grande margem de manobra do ponto de vista técnico.

Nesse sentido, o acesso aos mercados internacionais está cada vez mais condicionado à rastreabilidade. A necessidade de conferir credibilidade e confiabilidade à soja e carne brasileiras no no mercado externo nunca foi tão grande, e o escrutínio ao qual essas cadeias estão expostas pode chegar a outras, mesmo as completamente afastadas de áreas ambientalmente sensíveis.

Um aumento do protecionismo relacionado com políticas veladas de países que empregam altos subsídios, foram acentuados no pós-pandemia. Em paralelo, há um risco iminente de insegurança alimentar em diversas regiões do planeta — uma vez que os países envolvidos no atual conflito são exportadores relevantes de commodities essenciais.

As políticas de soberania alimentar que regulam, excessivamente, os mercados, bem como o recrudescimento das barreiras sanitárias, técnicas e burocráticas que impedem o acesso dos produtos brasileiros ao mercado mundial são preocupantes, dadas as possíveis ineficiências relacionadas à busca por essa condição, sobretudo nos países altamente vulneráveis ao preço dos alimentos, como no Oriente Médio e no Norte da África.

O acesso aos mercados internacionais está cada vez mais condicionado à rastreabilidade. A necessidade de conferir credibilidade e confiabilidade à soja e à carne brasileiras no mercado externo nunca foi tão grande, e o escrutínio ao qual essas cadeias estão expostas pode chegar a outras, mesmo as completamente afastadas de áreas ambientalmente sensíveis.

Produtos certificados e com rastreabilidade transparente têm sido mais requisitados ao redor do globo e pelo mercado nacional. Existe, portanto, uma importante oportunidade de alinhar o crescimento da agropecuária com a proteção dos recursos naturais e engajar o Brasil de forma crível na agenda climática, construindo uma reputação em torno de suas potencialidades agroambientais.

## MEIO AMBIENTE

O crescimento nos últimos anos do desmatamento na Amazônia e no Cerrado conduziram a uma percepção negativa dos produtos brasileiros em mercados diversos do agronegócio brasileiro, tanto fora como dentro do país.

A maior parte do desmatamento na Amazônia ocorre ilegalmente e está relacionada, principalmente, com o crime de grilagem de terra, cujo objetivo final é a especulação imobiliária. Após a floresta ser desmatada e queimada, a tendência é a instalação de pastagens para ensejar a posse e, posteriormente, negociar no mercado imobiliário. Índícios apontam que 2% das propriedades rurais na Amazônia e no Cerrado são responsáveis pela maior parte do desmatamento potencialmente ilegal.

Nesse contexto, o setor privado tem sido forçado a agir para evitar riscos de reputação ambiental. A Moratória da Soja e a Moratória da Carne Bovina, no final dos anos 2000, foram os passos iniciais para desvincular o cultivo de soja e a produção de carne bovina voltada para exportação do desmatamento do bioma amazônico.

Ainda assim, os desafios permanecem: medidas para identificar e excluir produtores não conformes enfrentam desafios de “lavagem” e “vazamento” de gado e grãos. Diferentes instrumentos de monitoramento e rastreabilidade que podem ajudar os frigoríficos e tradings de grãos em seus esforços para garantir cadeias de abastecimento com desmatamento zero estão sendo desenvolvidos.

Outras medidas importantes para reduzir o desmatamento são: intensificação sustentável de pastagens e implantação de sistemas integrados que podem proporcionar aumentos significativos de produtividade por hectare; pagamentos por serviços ambientais por meio dos quais os produtores são compensados financeiramente pela preservação de áreas que de outra forma teriam o direito legal de desmatar; inclusão e assistência técnica.

As iniciativas privadas ficam limitadas sem efetivo envolvimento público na implementação da legislação existente por meio de mecanismos de comando e controle. A implantação do

Código Florestal brasileiro completou 10 anos da sua aprovação pelo Congresso Nacional em 25 de maio de 2022 com avanços muito tímidos. Os estados da federação, esfera responsável pela implantação da legislação, concluíram e validaram a análise de somente 0,4% dos Cadastros Ambientais Rurais (CARs) - registro público, eletrônico e autodeclaratório sobre o uso da terra nas propriedades agrícolas.

Grandes oportunidades se abrem ao agronegócio brasileiro especialmente depois que na COP26, em Glasgow, na Escócia, as soluções baseadas na natureza foram reconhecidas como tendo um papel crítico para o controle das mudanças climáticas. O Brasil tem grande potencial de integrar o mercado de carbono tanto pela abundância de suas florestas tropicais como pelo potencial de mitigar emissões de gases de efeito estufa a partir de práticas agrícolas sustentáveis

Outro aspecto importante no tema ambiental é que com a emergência das ações globais para mitigar as emissões de gases de efeito estufa, o mundo vem passando por um processo de transição energética para uma matriz mais limpa — não só pela emissão do CO<sub>2</sub>, mas reforçada pela necessidade de também para se proteção gerem ante das oscilações de preços do petróleo.

O Brasil, nesse contexto, encontra-se em uma posição relativamente confortável. O país apresenta 48% de sua matriz energética de base renovável, com grande destaque ao uso de hidroeletricidade, biocombustíveis e energias eólica e solar. No que se refere ao agronegócio, destaca-se o desenvolvimento da agroindústria sucroenergética e o amplo uso do etanol combustível em automóveis no país, um processo que teve início na década de 1970.

Além disso, há grande potencial para o biogás. A quebra do monopólio da Petrobrás nos gasodutos, em 2021, pela aprovação do Novo Mercado do Gás pelo Congresso Nacional e o fortalecimento da agenda ESG são fatores que impulsionarão os projetos de geração. O recém-aprovado marco do saneamento também é favorável, uma vez que o biogás gerado nos aterros sanitários e nas estações de tratamento de esgotos produz o biometano, que poderá ser aproveitado, bem como a biomassa residual gerada no processamento industrial da cana-de-açúcar que também tem aproveitamento energético, sendo destinada ao autoconsumo e à produção de excedentes de energia elétrica.

Diferentemente do gás fóssil, que é distribuído na região costeira do Brasil, onde há gasoduto, o biogás e o biometano chegam ao interior porque são gerados dentro do país,

com o aproveitamento de resíduos sólidos urbanos e resíduos agroindustriais. Além disso, o biogás tem a vantagem de não ter material particulado e reduzir a poluição com queima de óleo diesel para geração de eletricidade, resolvendo dois problemas de uma vez.

O Código Florestal brasileiro completou 10 anos da sua aprovação pelo Congresso Nacional em 25 de maio de 2022. Depois da sanção da lei, de Proteção de Vegetação Nativa, nº 12.651, que determina faixas de preservação conforme o bioma em que se insere a propriedade, avançamos muito pouco. O setor agropecuário precisa avançar de forma célere na implantação dessa legislação.

Outra discussão nesta agenda é a economia baseada no uso de recursos alternativos e de base biológica, que representa uma grande oportunidade para o país, mas é preciso desatar os nós tecnológicos, econômicos e institucionais, construindo uma política nacional para a bioeconomia.

## MEGATENDÊNCIAS

Sustentabilidade; adaptação à mudança do clima; agrodigital; intensificação tecnológica e concentração da produção; transformações rápidas no consumo e na agregação de valor; biorrevolução; integração de conhecimento e de tecnologias; e incremento da governança e dos riscos.

Essas são as “megatendências” identificadas pela plataforma Visão de Futuro do Agro Brasileiro, que reúne e produz análises estruturais de longo prazo do ambiente de produção de alimentos, fibras e bioenergia no país. A plataforma é coordenada pelo Sistema de Inteligência Estratégica da Embrapa (Agropensa), e as megatendências foram definidas com a colaboração de mais de 300 especialistas e lideranças do setor.

*“Para assegurar um futuro justo e sustentável a todos, a sociedade contemporânea tem escolhas importantes a fazer ao longo das próximas duas décadas. Incertezas sobre disponibilidade de alimento, água, energia e limitações de recursos naturais envolvem a maioria delas. Logo, riscos relativos à insegurança nesses temas ascendem como focos prioritários de ação, podendo ser mitigados à medida que são reconhecidos e enfrentados de modo antecipativo”,* afirma a [Embrapa na apresentação do trabalho](#).

*“As megatendências mostram que o agro, tradicionalmente receptivo às inovações, está bem-posicionado para contribuir para o enfrentamento desses riscos e para os desafios das estratégias nacionais e globais que terão impactos tanto na redução da pobreza e da fome como na ampliação da estabilidade política e do bem-estar social”,* continua o texto.

## TRANSFORMAÇÃO DA COBERTURA DO AGRO

Crescente nas décadas de 1980 e 1990, o espaço reservado à cobertura do agronegócio nos grandes jornais impressos de circulação nacional, sobretudo os com sede em São Paulo, começou a definhando a partir dos anos 2000. Proposital – por uma questão de custos – ou não, a queda da tiragem no interior paulista ou em capitais de Estados considerados mais “agrícolas”, como os do Sul e do Centro-Oeste do país, teve influência sobre esse movimento, que aprofundou o abismo entre o rural e o urbano, justamente quando o agro brasileiro entrou em sua fase de maior evolução.

Os tempos de suplementos semanais regulares, que circulavam com ou sem anúncios, ficou para trás, e ganharam força em alguns jornais impressos os cadernos especiais, normalmente atrelados à venda de publicidade. Como sua “antecessora” no segmento de jornais com foco em economia Gazeta Mercantil, o Valor Econômico manteve o foco e se tornou o único impresso com circulação nacional a manter entre uma e duas páginas diárias reservadas à cobertura do agro.

Nos ditos Estados “agrícolas”, os periódicos locais continuam a manter uma cobertura mais presente – embora, em muitos casos, realizada com grande peso de agências de notícias com sede em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Para muitos observadores, começou então uma fase delicada no processo de construção de pontes entre o urbano e o rural, em meio ao fortalecimento do agro em regiões tradicionais e a um acelerado crescimento de grandes polos do agro no Centro-Oeste e mesmo no Norte do país.

Ao mesmo tempo em que o número de empresários rurais bem-sucedidos crescia, era menor o espaço para que suas conquistas fossem informadas e suas posições, analisadas e criticadas, de maneira positiva ou negativa.

Preconceitos que ganharam força com a industrialização do país e se aprofundaram nas décadas de 1950 e 1960 voltaram a crescer. Hábitos, vestuários e sotaques deixaram de ser compreendidos e respeitados, e o agro que se modernizava ainda era tratado como “velho”.

Empresários rurais ainda eram vistos como coronéis em muitas oportunidades, e o crédito rural oficial, necessário para consolidar os negócios dos agropecuaristas, era criticado por alimentar “caloteiros”. Era um tempo em que os grandes bancos ainda fugiam do agro, os

bancos de investimentos ainda não o haviam descoberto e as grandes bancas de advocacia o tratavam como um setor secundário.

Mas isso começou a mudar com os resultados e o forte avanço apresentados pelo agro, principalmente a partir de meados dos anos 2000. E, paralelamente, veio uma nova onda de expansão da cobertura jornalística do setor depois da chegada da internet. Muitos tijolos de muitas pontes começaram a surgir de lá para cá, e diversos deles cresceram e se tornaram rentáveis, para o bem do setor.

É preciso lembrar que diversas agências estrangeiras e nacionais de notícias, boa parte em tempo real, não tiraram o pé do setor mesmo que seus conteúdos já não fossem mais tão reproduzidos nos grandes impressos. Houve uma multiplicação de terminais dessas agências em grandes empresas do setor ou interessadas nele. Canais, contudo, que dificilmente chegam ao grande público se não forem reproduzidos por outras mídias – televisão (aberta, fechada ou a cabo), rádio, jornais e revistas.

Algumas revistas especializadas no agro, por sinal, também sobreviveram, mas para quem estava acostumado com uma cobertura diária mais intensa nos jornais tradicionais, era pouco. O espaço estava aberto para ser ocupado pelos novos produtores de conteúdo que ganharam na web um meio mais acessível para a difusão de informações, embora também menos rentável.

Os veículos tradicionais aproveitaram a internet para ampliar de forma significativa suas coberturas sobre cotidiano, economia, política, esportes, artes e comportamento. O agro também voltou a ter mais espaço, ainda que, devido a sua importância no país, o destaque dado ao setor tenha continuado a desejar.

Com o passar dos anos, serviços como previsões climáticas, preços em tempo real e fretes foram incorporados por diversos sites de notícias, e finalmente os produtores rurais, e não apenas as grandes agroindústrias, efetivamente passaram a ter à disposição centenas de produtos para atender suas necessidades básicas de informação. Porém, um grande obstáculo ainda precisa ser superado para que esse acesso seja pleno: **conectividade**.

Nas regiões mais isoladas do país, a falta de conectividade é um problema grave para centenas de comunidades, com reflexos negativos não só sobre a veiculação de informações, mas para todos os aspectos da vida social, com destaque para a educação. A chegada do 4G já promoveu melhoras, e espera-se que os investimentos em curso no 5G preencha essa lacuna nos próximos anos. Menção honrosa, nesse contexto, para as programações transmitidas por antenas parabólicas, única opção em diversas localidades.

Nem todos, contudo, com a estrutura necessária, principalmente jornalística, para captar, entender, analisar e criticar, para o bem ou para o mal, a evolução do perfil do agro ou as mudanças culturais e comportamentais que essa presença cada vez mais expressiva passaram a gerar nas comunidades em seus raios de influência. O sucesso das duplas de música sertaneja nos grandes centros urbanos, com muito destaque para as goianas, e de mulheres, é apenas um exemplo dessas mudanças.

Paralelamente, também floresceram nos players que atuam no setor, tradicionais ou novos entrantes. Grandes grupos de produção, agroindústrias de todos os portes, agtechs, consultorias, grandes bancos, bancos de investimentos, fundos e escritórios de advocacia ampliaram de forma expressiva suas gerações de conteúdos sobre ou voltados para o setor. Um rico e amplo manancial de informações, geradas no país e no exterior, para ser trabalhado pelos jornalistas que cobrem o agro no país.

Com esse crescimento avassalador de conteúdo, multiplicado por agências de comunicação e assessorias de imprensa cada vez melhor preparadas para atender aos clientes do setor, aumentou também - e muito - a necessidade de os veículos jornalísticos contarem com equipes regulares capazes de filtrá-las e emprestarem a ela uma lógica que, ao mesmo tempo, facilite a difusão das novidades e permita que o leitor tenha ao menos uma noção sobre como está se dando o desenvolvimento do setor. A contextualização das informações passou a ser um enorme desafio, nem sempre alcançado.

## **INFORMAÇÃO DE QUALIDADE**

Nesse grande manancial de informações, a preocupação com a veracidade e a qualidade das notícias veiculadas também ganha outros contornos. As redações das agências em tempo real, dos sites, dos jornais, das rádios, das TVs (abertas e fechadas) e da mídia em geral são diariamente alimentadas com centenas de dados, informações, estimativas e sugestões de pauta, geradas no país ou no exterior, e seus jornalistas são os primeiros “filtros” em meio a essa enxurrada.

Diante de dezenas de opções, o jornalista deve ter condições de trabalho para avaliá-las, organizá-las e definir prioridades, de acordo com a linha editorial adotada por seu veículo. É preciso saber, por exemplo, se são confiáveis as fontes e se a notícia é de fato nova – o “reempacotamento” de informações é comum no meio.

Também é preciso avaliar se a sugestão recebida pode ser publicada imediatamente ou se tem de ser melhor trabalhada, com a busca de dados e entrevistas complementares ou contrapontos. Em casos de acusações e diante de informações com teor crítico mais profundo, procurar o “outro lado” é fundamental. E, diga-se, o “outro lado” também é necessário em muitos casos de informações elogiosas e positivas, que muitas vezes distorcem ou escondem eventuais aspectos negativos relacionados a uma determinada informação.

Sem uma equipe suficientemente robusta e formada por gente que de fato tem familiaridade com o agro, o trabalho do jornalista que cobre o setor via de regra fica comprometido. Sobretudo porque muitas informações recebidas dizem respeito a movimentos em curso em regiões distantes, muitas delas desconhecidas do profissional e do público em geral.

Muitas vezes é preciso levar em conta, para a análise de uma determinada notícia, a realidade local, e essa realidade local é, muitas vezes, desconhecida. Consulta a fontes radicadas na região em questão, nesses casos, é recomendável. A internet atualmente também permite que, no mínimo, alguma pesquisa seja feita para que se tenha uma noção um pouco mais aprofundada de pessoas, empresas e municípios envolvidos no trabalho jornalístico desenvolvido.

Nesse trabalho, também as fontes consideradas “neutras” são indispensáveis. Acadêmicos, pesquisadores, analistas, consultores de distintas áreas, advogados e economistas estão entre as fontes que colaboram decisivamente para a qualidade da notícia veiculada. Ter boas fontes neutras, que possam ser acessadas com a agilidade necessária, é um dos trunfos de jornalistas de qualquer área de cobertura, e no agro não é diferente.

Na frente econômico-financeira da cobertura do setor, os números não podem ser inimigos do jornalista. Recorrer a eles para comparar dados e informações, históricos, checar tendências e medir a confiabilidade de projeções e metas pode evitar estragos profundos nas notícias veiculadas. E muitas vezes uma consulta simples aos números envolvidos (ou as fontes geradoras desses números) já cumpre essa missão. Novamente aqui, em muitas outras oportunidades é preciso a ajuda de fontes com maior familiaridade sobre um determinado assunto, e não é vergonha nenhuma pedir essa ajuda.

Em outros casos, o problema pode ser um nó jurídico, facilmente desvendável por um advogado, ou um imbróglio societário, onde a colaboração de um advogado pode ser preciosa. É importante que o jornalista tenha consciência de suas limitações e não tente

ocupar um espaço “técnico” com opiniões mal embasadas. Para que esse trabalho seja bem-feito, contudo, é preciso estrutura e organização.

As fontes mais confiáveis são as bases de dados elaboradas por organismos nacionais e internacionais, banco de dados feitos por universidades de renome, a exemplo do *Our World in Data* (Oxford University), o Cepea (Esalq-USP) e revistas científicas. A maior parte dessas fontes é disponibilizada pela internet e de forma gratuita. Como fontes primárias, sugerimos as seguintes plataformas (notem que, na maioria delas, há uma equipe de trabalho de pesquisadores envolvidos, que em geral atendem quaisquer tipos de dúvidas que envolvam os dados):

## **FONTES PRIMÁRIAS**

### **SOBRE COMÉRCIO INTERNACIONAL:**

[Global Agri Trade Data \(GAT\) – Insper Agro Global](#)

[AGROSTAT - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento \(MAPA\)](#)

[UN COMTRADE – Organização das Nações Unidas \(ONU\)](#)

[WTO Data - Organização Mundial do Comércio \(OMC\)](#)

[Global Agricultural Trade System \(GATS\) - United States Department of Agriculture \(USDA\)](#)

### **SOBRE PRODUÇÃO, SAFRAS E PREVISÃO DE SAFRA:**

[Companhia Nacional de Abastecimento \(CONAB\)](#)

[United States Department of Agriculture \(USDA\)](#)

[Pesquisas de levantamento sistemático de safras, abate de animais, leite e outros presentes no Sidra - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#)

### **SOBRE PREÇOS AGROPECUÁRIOS:**

[Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada \(Cepea/ESALQ-USP\)](#)

[Companhia Nacional de Abastecimento \(CONAB\)](#)

[Índice de preços de alimentos – IPCA Alimentos - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#)

### **OUTRAS FONTES RELEVANTES NO SETOR:**

[Observatório da Agropecuária – Ministério da Agricultura e Abastecimento \(MAPA\)](#)

[Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada \(Cepea/ESALQ-USP\)](#)

[Carta de conjuntura agropecuária do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada \(IPEA\)](#)

[Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura \(FAO\)](#)

[Portal Terrabrasilis do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais \(INPE\)](#)

[Laboratório de processamento de imagens e geoprocessamento \(LAPIG\)](#)

[Map Biomas](#)

[International Food Policy Research Institute \(IFPRI\)](#)

[OECD Data \(OCDE\)](#)

[Our World in Data \(OXFORD\)](#)

[The World Bank Data \(Banco Mundial\)](#)

Já no que concerne os veículos de informações com cobertura sobre o agronegócio, segue abaixo, a lista dos finalistas da lista dos mais admirados da imprensa do setor, de 2021 e de 2022, elaborada pelo Jornalistas&Cia. após votação de profissionais ligados ao setor:

### **Agência de Notícias**

[Agência Safras & Mercado](#)

[Broadcast Agro/Agência Estado](#)

[Reuters](#)

[Agência Brasil](#)

### **Canal digital**

Canal Rural

Notícias Agrícolas

Vale Agrícola

### **Podcasts**

[Agro Connection](#)

[CBN Agronegócio](#)

[Mundo Agro](#)

[Café em Prosa](#)

[Cassiano Ribeiro \(CBN Agro\)](#)

### **TV por assinatura**

Jornal Terraviva

Mercado & Companhia

N Rural

### **Áudio - Programa de Rádio**

A Hora do Agronegócio (Jovem Pan)

Campo e Lavoura (Rádio Gaúcha)

CBN Agronegócio (CBN)

Agro Nosso de Cada Dia

Hora H do Agro

### **Programa - TV Especializada**

Bem da Terra (Terraviva)

Jornal Terraviva (Terraviva)

Rural Notícias (Canal Rural)

### **Programa - TV Geral**

Agrocultura (TV Cultura - SP)

Globo Rural (TV Globo)

Nosso Agro (Bandeirantes)

Agro Nacional

RN Rural

### **Site/Blog**

[Agrolink](#)

[Canal Rural](#)

[Notícias Agrícolas Veículo](#)

[Agroclima by Climatempo](#)

### **Impresso Especializado**

[A Granja](#)

[Dinheiro Rural](#)

[Globo Rural](#)

### **Veículo Impresso Geral**

[Folha de S. Paulo](#)

[O Estado de S. Paulo](#)

[Valor Econômico](#)

[Correio do Povo](#)

[Zero Hora](#)

**Vídeo - Internet**

[Agro Connection](#)

[Agromais](#)

[Notícias Agrícolas](#)

## ANEXO

### Sobre a Editoria de Agronegócios do Valor Econômico

Filtrar as dezenas de informações e sugestões de pautas recebidas todos os dias é um dos maiores desafios da editoria de Agronegócios do Valor Econômico. Com três plataformas de informações para alimentar – Valor PRO (informações em tempo real), site e jornal impresso -, a editoria há alguns anos é formada por oito jornalistas, cada um responsável por determinadas áreas de cobertura, mas com grande interação entre as áreas, dados os horários de trabalho definidos.

Todas as notícias geradas pela editoria de Agronegócios do Valor são publicadas, em primeiro lugar, no Valor PRO. É nessa plataforma que também concentramos mais a cobertura de preços agropecuários, tanto no mercado doméstico quanto nas principais bolsas americanas, lembrando que em Chicago são negociados os principais grãos (soja, milho e trigo) e em Nova York, as chamadas “soft commodities” (açúcar, café, cacau, suco de laranja e algodão).

Com boa disseminação entre clientes do mercado financeiro, o Valor PRO também tem a obrigação de acompanhar as notícias e variações de ações das empresas de capital aberto diretamente ligadas diretamente ao setor, como JBS, Marfrig, Minerva, Raízen, São Martinho, Jalles Machado, SLC, Terra Santa, BrasilAgro, 3tentos, AgroGalaxy, Vittia e KeplerWeber. Mais recentemente, a B3 criou um novo índice formado pelas oscilações das companhias direta ou indiretamente ligadas ao agro que também passou a fazer parte do foco nessa frente.

Entre as dezenas de notícias publicadas diariamente no Valor PRO é feita a triagem para que o site seja mantido constantemente atualizado. Muitas vezes, para isso, as notícias primárias são ampliadas e melhor trabalhadas, tendo em vista sua perenização na web. E é desse material que sai o que será publicado no jornal impresso, onde a editoria de Agronegócios conta, em média, com uma página e meia. Para o jornal, quando possível procuramos reservar algo exclusivo, lembrando que, quando o jornal impresso é publicado, a edição automaticamente passa a estar disponível no site.

Em linhas gerais, buscamos acompanhar as notícias relacionadas a:

- MERCADOS/COMMODITIES
  - PREÇOS
  - PRODUÇÃO
  - EXPORTAÇÃO
- AGROINDÚSTRIAS/COOPERATIVAS/GRUPOS AGRÍCOLAS
- POLÍTICAS AGRÍCOLAS
- AMBIENTE/CLIMA
- CRÉDITO/FINANCIAMENTO
- NOVAS TECNOLOGIAS/INOVAÇÃO

## O que acompanhamos?

- Cobertura de produção e preços das mais diferentes cadeias agrícolas e da pecuária;
- Cobertura sobre planos, estratégias e resultados das mais diferentes agroindústrias;
- Cobertura regular sobre novas tecnologias adotadas nas diversas cadeias produtivas e sobre as principais inovações do setor;
- Cobertura regular sobre os temas ambientais que cercam o setor, positivos e negativos;
- Cobertura regular sobre os temas ambientais que cercam o setor, positivos e negativos;
- Cobertura regular sobre crédito rural e financiamentos do agro em geral;
- Ampla cobertura sobre as políticas agrícolas oficiais e movimentações no Congresso sobre novas legislações e programas.

## Para quem escrevemos?

GRANDES PRODUTORES

AGROINDÚSTRIAS

MERCADO FINANCEIROS (bancos, fundos de investimentos, private equity, escritórios de advocacia, consultorias)



**Fernando Lopes**

Editor de agronegócios do Valor Econômico  
Foi editor e repórter da Gazeta Mercantil.  
É bacharel em jornalismo pela Universidade de São Paulo